



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL
DE MADAGASCAR EM VISITA
«AD LIMINA APOSTOLORUM»**

26 de Setembro de 1998

Prezados Irmãos no Episcopado

1. É com alegria que vos acolho, no momento em que estais a realizar a vossa visita *ad Limina*. Vós, que recebestes de Cristo a missão de guiar o povo de Deus em Madagáscar, viestes em peregrinação aos túmulos dos Apóstolos; nesta ocasião, realizais com o Sucessor de Pedro, e também com os seus colaboradores, intercâmbios frutuozos que permitem consolidar a comunhão entre a Igreja que está no vosso País e a Sé Apostólica. Assim, faço votos por que, ao regressardes ao meio do povo que vos foi confiado, o vosso zelo e o dinamismo missionário das vossas comunidades possam ser ulteriormente revigorados, a fim de que o Evangelho seja anunciado a todos.

Mediante as suas amáveis palavras, o Presidente da vossa Conferência Episcopal, Senhor Cardeal Armand Gaétan Razafindratandra, esboçou em vosso nome um quadro específico da vida da Igreja na Grande Ilha e do contexto em que ela continua a sua missão. Estou-lhe calorosamente grato por isto!

Nesta feliz circunstância saúdo com afecto os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os catequistas e todos os fiéis das vossas comunidades diocesanas. Transmitti também as minhas cordiais saudações ao povo malgaxe, de quem conheço as qualidades de hospitalidade, solidariedade e coragem, quando se trata de enfrentar as múltiplas dificuldades da vida quotidiana.

2. No seguimento dos Apóstolos, os Bispos receberam a missão de anunciar com audácia o mistério da salvação na sua integridade. «Proclama a Palavra, insiste no tempo oportuno e inoportuno, advertindo, reprovando e aconselhando com toda a paciência e doutrina» (2 Tm 4, 2). Esta difícil exigência requer que cada Bispo possa haurir a própria energia na

graça de Cristo, recebida em abundância mediante o dom do Espírito no dia da sua ordenação episcopal e renovada incessantemente na oração. A Igreja tem necessidade de pastores que coloquem em prática e administrem com atenção as diferentes instituições diocesanas, orientando o povo de Deus. Para realizar este serviço, eles deverão ser animados por qualidades humanas e mais ainda por qualidades espirituais e também pela solicitude para com a santidade da própria vida, a fim de se conformarem totalmente com Cristo que os envia. Amar a Cristo e viver na sua intimidade significa também amar a Igreja e, como o Senhor Jesus, doar-se a ela para testemunhar o amor infinito de Deus pelos homens.

O Concílio Vaticano II pôs em evidência a necessidade que os Bispos têm de cooperar de maneira cada vez mais estreita para exercer o próprio ministério de maneira frutuosa (cf. *Christus Dominus*, 37). Portanto, encorajo-vos sentidamente a aprofundar sempre mais os vínculos de unidade colegial e de colaboração entre vós, sobretudo no seio da vossa Conferência Episcopal, em comunhão viva com a Sé de Pedro.

Há algumas semanas, a solidariedade pastoral das dioceses do vosso País manifestou-se de forma particular, por ocasião de um Sínodo nacional sobre o tema *Igreja, Família de Deus congregada pela Eucaristia*, que organizastes como prolongamento da recente Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a África. Formulo votos a fim de que este importante evento para a vida da Igreja em Madagáscar, que se situa no contexto da preparação para o Grande Jubileu do Ano 2000, constitua para cada uma das vossas comunidades a ocasião de um revigoreamento da fé em Jesus Cristo e suscite nos fiéis «um verdadeiro anseio de santidade, um forte desejo de conversão e renovamento pessoal, num clima de oração cada vez mais intensa e de solidário acolhimento do próximo, especialmente do mais necessitado» (*Tertio millennio adveniente*, 42).

3. Dirigindo-me agora aos sacerdotes das vossas dioceses, os vossos primeiros colaboradores no ministério apostólico, quereria certificá-los da gratidão da Igreja pela generosidade com que vivem o seu sacerdócio ao serviço de Deus. Convido-os a perseverar com júbilo e entusiasmo na sua vocação, levando uma vida digna da grandeza da dádiva que lhes é concedida. «O presbítero, de facto, em virtude da consagração que recebeu pelo sacramento da Ordem, é enviado pelo Pai, através de Jesus Cristo, ao qual como Cabeça e Pastor do seu povo é configurado de modo especial para viver e actuar, na força do Espírito Santo, ao serviço da Igreja e para a salvação do mundo» (*Pastores dabo vobis*, 12). Disponíveis à acção do Espírito, oxalá eles conservem os olhos sempre fixos no rosto de Cristo, para progredirem corajosamente pelos caminhos da santidade, sem se conformarem com os modos de ser do mundo. Mediante a regular celebração da Liturgia das Horas e dos Sacramentos, e através da meditação da Palavra de Deus, eles são chamados a viver a profunda unidade entre a sua vida espiritual, o seu ministério e a sua actividade quotidiana. Fiéis ao celibato, acolhido com uma decisão livre e repleta de amor, e vivido com coragem incessantemente renovada, não-de reconhecer nele «um dom inestimável de Deus, como "estímulo da caridade pastoral", como singular participação na paternidade de Deus e na fecundidade da Igreja, e como testemunho do Reino escatológico perante o mundo» (*Ibid.*, 29). Quando vivem momentos difíceis, sede para eles pastores atenciosos e disponíveis, que dão nova esperança e, mediante as próprias palavras e o exemplo, os ajudam a retomar o caminho! Exorto-vos sentidamente a apoiá-los, a fim de que eles vivam na fidelidade aos próprios compromissos sacerdotais, assegurando-lhes as condições espirituais e materiais que lhes permitem corresponder às justas necessidades do seu ministério.

Dilectos Irmãos no Episcopado, estou próximo de cada um dos vossos sacerdotes; entretivei com eles relações

fundamentadas na confiança e no diálogo; eles sejam para vós verdadeiros filhos e amigos! Primeiros responsáveis pela sua santificação e formação permanente, sabeis propor-lhes os modos de prosseguir, ao longo da sua vida inteira, o aprofundamento das dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral da sua formação sacerdotal, a fim de que o seu ser e agir sejam cada vez mais conformes com Cristo Bom Pastor.

Enfim, faço votos por que, no seio do presbitério, os sacerdotes e os religiosos se acolham fraternalmente na legítima diversidade dos seus carismas e das suas opções. Na oração comum e na partilha, eles hão-de encontrar apoio e conforto para o seu ministério e a sua vida pessoal.

4. Entre as vossas preocupações permanentes, estão o nascimento e o crescimento das vocações ao sacerdócio e à vida consagrada. Os numerosos jovens que respondem ao chamamento de Cristo e aceitam pôr-se no Seu seguimento constituem um sinal do dinamismo das vossas Igrejas locais e um encorajamento para o porvir. Todavia, são necessários uma grande prudência e um discernimento atento, para consolidar as suas vocações e permitir que cada um dê uma resposta livre e consciente ao apelo de Cristo. A vida na sequela do Senhor é exigente e por conseguinte requer, na escolha dos candidatos, critérios de equilíbrio humano, de capacidades espirituais, afectivas, psicológicas e intelectuais, com uma vontade firme. Gostaria de renovar aqui a advertência formulada pelos Padres do Sínodo para a África, «aos "Institutos religiosos que não mantêm casas na África" a não se considerarem autorizados a "procurar lá novas vocações sem um prévio diálogo com o Ordinário do lugar"» (*Ecclesia in Africa*, 94). Efectivamente, os jovens desarraigados terão muita dificuldade em fazer amadurecer o chamamento que receberam e serão tentados pelas múltiplas atracções de uma sociedade que eles mesmos desconhecem. De um discernimento efectuado com sabedoria depende inclusive a esperança de ver nascer e desenvolver-se vocações missionárias africanas, para anunciar o Evangelho em todas as partes do continente e até mesmo além.

Compete a vós, que sois os primeiros representantes de Cristo na formação dos sacerdotes (cf. *Pastores dabo vobis*, 65), vigiar com cuidado pela qualidade da vida e da formação nos seminários. Convido-vos a constituir comunidades educativas unidas que dêem aos seminaristas um exemplo concreto de vida cristã e sacerdotal irrepreensível. Como poderiam os jovens preparar-se de modo correcto para o sacerdócio, se não tivessem à sua frente o exemplo de mestres e de autênticas testemunhas? Bem sei como vos é difícil prover à escolha de sacerdotes experimentados na vida espiritual e qualificados nos campos da teologia e da filosofia, capazes de acompanhar os jovens! Formulo votos sinceros por que possais preparar formadores competentes em vista desta missão, mesmo que se devam sacrificar outros sectores da vida pastoral. Hoje, este ministério é um dos mais importantes para a vida da Igreja, em particular no vosso País.

Dirijo um encorajamento especial às pessoas que têm a responsabilidade de preparar os jovens para a consagração total de si mesmos no sacerdócio ou na vida religiosa. Confirmadas no caminho da busca de Deus, oxalá elas possam demonstrar a beleza da sua vocação àqueles que o Senhor convida a segui-l'O, e ajudá-los a discernir os desígnios de Deus para a sua vida! Que elas se encham de júbilo pelo encontro com Cristo, como os discípulos depois da Transfiguração!

Os seminaristas tenham consciência cada vez mais viva da grandeza e da dignidade da vocação que receberam! É necessário que durante o tempo de formação eles possam adquirir uma suficiente maturidade afectiva e tenham a

íntima convicção de que o celibato e a castidade são inseparáveis para o sacerdote. O ensinamento sobre o sentido e o lugar da consagração a Cristo no sacerdócio deverá estar no centro da sua formação, a fim de que possam empenhar livre e generosamente toda a sua pessoa no seguimento de Cristo, na participação na Sua missão.

5. Os Institutos de vida consagrada oferecem uma importante e apreciada contribuição aos numerosos sectores da vida da Igreja no vosso País. O compromisso de pessoas consagradas na obra de evangelização deve demonstrar de maneira particular que «quanto mais se vive de Cristo, tanto melhor se pode servi-Lo nos outros, aventurando-se até aos postos de vanguarda da missão e abraçando os maiores riscos» (*Vita consecrata*, 76). Os membros das comunidades religiosas vivem plenamente a sua oferta a Cristo, dando-Lhe testemunho mediante a própria existência e colocando ao serviço da Igreja as riquezas do carisma que lhes é próprio! Deixando-se guiar pelo Espírito Santo, que eles caminham de modo resolutivo ao longo das sendas da santidade e manifestem aos olhos de todos a sua alegria de se terem entregue totalmente a Deus, para o serviço dos seus irmãos!

Exprimo às pessoas consagradas a gratidão e o encorajamento da parte da Igreja pelo apostolado que elas exercem, na lógica do seu amor a Cristo e do dom de si próprias ao serviço dos doentes, dos mais necessitados e dos membros mais pobres da sociedade. Mediante a sua presença no mundo da educação, elas ajudam os jovens a crescerem em humanidade, adquirindo uma formação humana, cultural e religiosa que os prepara para assumir o seu lugar na Igreja e na sociedade.

Como salientei na Exortação Apostólica *Ecclesia in Africa*, a fim de permitir aos Institutos de vida consagrada expressarem os carismas que lhes são próprios numa comunhão sempre maior com as Igrejas diocesanas, exorto «os responsáveis das Igrejas locais, como também os dos Institutos de vida consagrada e das Sociedades de vida apostólica, a promoverem entre si o diálogo com a criação, no espírito da Igreja-Família, de grupos mistos de deliberação, como testemunho de fraternidade e sinal de unidade ao serviço da missão comum » (n. 94).

6. Em virtude da sua condição de baptizados, todos os fiéis são chamados a participar plenamente na missão da Igreja. Regozijo-me com a exemplar contribuição de numerosos leigos para a vida eclesial no vosso País. Elogio de modo particular a obra dos catequistas que, em condições com frequência difíceis, se esforçam por anunciar o Evangelho aos seus irmãos e, em comunhão com os Bispos e sacerdotes, garantem a animação das suas comunidades, dedicando-lhes a própria solicitude. O seu papel é de grande importância para a implantação e a vitalidade da Igreja. Eles transmitem também aos seus filhos o sentido do serviço a Cristo. Convido-os a conservar firmemente viva em si mesmos «a consciência de serem membros da Igreja de Jesus Cristo, participantes no seu mistério de comunhão e na sua energia apostólica e missionária» (*Christifideles laici*, 64).

Faço também votos por que os leigos adquiram uma sólida formação, a fim de assumirem as próprias responsabilidades de cristãos na vida da sociedade. Com efeito, devem trabalhar com abnegação e tenacidade para construir a cidade terrena no respeito da dignidade da pessoa humana e na busca do bem comum. Diante das injustiças, daquilo que destrói a paz entre as

peças e os grupos, bem como de tudo o que perverte o espírito, que eles desenvolvam cada vez mais a solidariedade, a verdadeira *fihavanana*, que tende a abrir o homem para o plano divino da salvação!

Deve-se reservar uma solicitude especial à família, célula primeira e vital da sociedade. A formação das consciências, em particular para evocar com determinação o respeito devido a toda a vida humana e ensinar às crianças os valores fundamentais, constitui uma tarefa essencial que incumbe à Igreja e aos seus Pastores. Perante as dificuldades encontradas por muitos jovens casais, encorajo-vos a continuar os esforços no sentido de os ajudar a compreender melhor a autêntica natureza do amor humano, da castidade conjugal e do matrimónio cristão, fundado sobre a fidelidade e a indissolubilidade.

Aos jovens de Madagáscar, gostaria inclusivamente de lançar um premente apelo à confiança e à esperança. Conheço as suas grandes inquietações, mas conheço também as riquezas que Deus lhes concedeu para enfrentarem o futuro com coragem e lucidez. Que eles saibam assumir as suas responsabilidades na vida da Igreja e da sociedade, tomando viva consciência da sua vocação de homens e cristãos que os compromete a serem semeadores de paz e de amor! Cristo espera-os e indica-lhes o caminho da vida!

7. Dar testemunho da caridade de Cristo para com os enfermos e os pobres é uma das características da vida cristã. Através das suas instituições sociais, a Igreja favorece o desenvolvimento integral da pessoa e da sociedade. Estou reconhecido a todas as pessoas que, mediante o seu serviço humilde manifestam, no seguimento de Cristo, o amor da Igreja por aqueles que sofrem ou que se encontram na aflição. Não se pode aceitar a miséria como uma fatalidade. É necessário ajudar os pobres a crescerem em humanidade e fazer com que estes sejam reconhecidos na sua dignidade de filhos de Deus. Apesar das dificuldades, a vossa terra é rica de promessas. Portanto, animo-vos sentidamente a desenvolver as iniciativas de solidariedade e de serviço à população, que muitas vezes se encontra em situações económicas e sociais preocupantes, nomeadamente reservando o justo lugar às obras de educação e promoção humana, que hão-de permitir a cada um expressar os dons que Deus lhe concedeu, criando-o à Sua imagem. Com efeito, como escrevi na Encíclica *Redemptoris missio*, «o progresso de um povo, porém, não deriva primariamente do dinheiro, nem dos auxílios materiais, nem das estruturas técnicas, mas sobretudo da formação das consciências, do amadurecimento das mentalidades e dos costumes. O homem é que é o protagonista do desenvolvimento, não o dinheiro ou a técnica» (n. 58).

8. As relações fraternas existentes entre as diferentes Confissões cristãs em Madagáscar testemunham o vosso compromisso em responder com generosidade e clarividência à oração do Senhor: «Para que todos sejam um!» (Jo 17, 21). Estes vínculos concretizam-se particularmente através das intervenções do Conselho das Igrejas Cristãs de Madagáscar, que muitas vezes se manifestou em prol da promoção da justiça e do desenvolvimento integral do homem na vida da

nação. É muito importante continuar a busca da unidade entre os cristãos numa colaboração inspirada pelo Evangelho, que seja um verdadeiro testemunho comum de Cristo e um modo de anunciar a Boa Nova a todos. Neste longo caminho que conduz à comunhão total entre os irmãos, é necessário voltar-se sempre para Cristo. Também a oração deve ocupar um lugar privilegiado para obter do Senhor a conversão do coração e a unidade dos discípulos de Cristo. Para melhor corresponder às exigências de uma colaboração leal, é indispensável que os fiéis sejam preparados para se encontrarem com os seus irmãos em espírito de verdade, sem ocultar as divergências que ainda nos separam da plena comunhão (cf. Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, *Directório para a aplicação dos princípios e das normas sobre o ecumenismo*, 1993). Por outro lado, é auspiciável que os casais que vivem a experiência de um matrimónio misto sejam auxiliados com uma pastoral apropriada, num espírito de abertura ecuménica. Não obstante as dificuldades que podem surgir, eles deverão ser autênticos artífices da unidade através da qualidade do amor manifestado ao cônjuge e aos próprios filhos.

9. Estimados Irmãos no Episcopado, no momento de concluir este encontro fraterno, quereria encorajar-vos de novo a caminhar na confiança. Neste ano consagrado ao Espírito Santo e à Sua presença santificadora na comunidade dos discípulos de Cristo, exorto os católicos de Madagáscar a aprofundarem os sinais de esperança presentes na sua própria vida e na vida do mundo em geral. Eles renovem «a sua esperança no advento definitivo do Reino de Deus, preparando-o dia após dia no seu íntimo, na Comunidade cristã a que pertencem, no contexto social onde estão inseridos e deste modo também na história do mundo» (*Tertio millennio adveniente*, 46)! Confio todos vós, os vossos diocesanos e o inteiro povo malgaxe à intercessão materna da Virgem Maria e de Vitória Rasoamanarivo, a Beata que deu um admirável testemunho da qualidade espiritual do laicado do vosso País e, do íntimo do coração, concedo a todos a Bênção Apostólica.